

ANTERO DE QUINTAL E A NOVA POESIA PORTUGUESA

ANTERO DE QUINTAL AND THE NEW PORTUGUESE POETRY

Maria Isabel Azevedo Assis* (Universidade de Évora)

RESUMO: O presente estudo procura investigar a obra teórica de Fernando Pessoa, intitulada *A Nova Poesia Portuguesa*, a fim de verificar de que forma o escritor compara o novo movimento poético português, do qual Antero de Quintal fora considerado o precursor, às magnas correntes literárias europeias. Na tentativa de observar o lugar de destaque de Quintal dentro do movimento literário em Portugal, busca-se analisar, nas *Odes Modernas*, os elementos indicados por Pessoa na teorização que este empreende em sua referida obra, com o objetivo de confirmar a relevância de Antero de Quintal no contexto literário chamado por Pessoa de “Nova Poesia Portuguesa”.

PALAVRAS-CHAVE: A Nova Poesia Portuguesa; Fernando Pessoa; *Odes Modernas*; Antero de Quintal.

ABSTRACT: This paper tries to investigate the theoretical work of Fernando Pessoa, titled *A Nova Poesia Portuguesa*, so that it may verify the way that the writer enrolls the new Portuguese poetic movement, which has Antero de Quintal as the precursor, to the great European literary tendencies. In order to observe the prominence place of Antero de Quintal within the literary movement in Portugal, this study intends to analyse in the *Odes Modernas* characteristic elements indicated by Pessoa, which confirm the relevance of Antero de Quintal and his work inside the New Portuguese Poetry.

KEYWORDS: The New Portuguese Poetry; Fernando Pessoa; *Odes Modernas*; Antero de Quintal.

* Mestranda em Estudos Lusófonos da Universidade de Évora/Portugal. E-mail: isabel6360@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

Este trabalho busca estudar *A Nova Poesia Portuguesa* - texto teórico de Fernando Pessoa - a partir de seu caráter esquemático que, para além de desenhar “as magnas épocas literárias” (PESSOA, s/d, p. 375) da Europa, especialmente a inglesa e francesa, inclui a nova poesia de Portugal, da qual Antero de Quental seria o precursor, nesse panorama.

Partindo de uma observação detalhada da teoria de Pessoa, em que o estudioso recupera as correntes literárias de Inglaterra e França, delimitando seus períodos sociológicos e políticos, a pesquisa avança na investigação das características da poética de Quental - sobretudo nas Odes Modernas – e busca sugerir uma ligação desta à “atual corrente literária portuguesa” (PESSOA, s/d, p. 366). Os principais elementos a que nos deteremos no texto anterior serão o subjetivismo e a metafísica, a presença do panteísmo e os aspectos relativos à sua estética, como o que Pessoa denominou de vago e ideação complexa – elementos que, conforme suas palavras, compõe o “...arcaboiço espiritual...” (PESSOA, s/d, p. 382) da Nova Poesia Portuguesa. Ainda no que tange às Odes Modernas, pretende-se pontuar alguns dos aspectos que permitem visualizá-las a partir de seu caráter universalista.

1 A NOVA POESIA PORTUGUESA: TEORIZAÇÃO DE FERNANDO PESSOA

Em 1912 surge o estudo que Fernando Pessoa desenvolveu sobre aquela que ele próprio denominou de a Nova Poesia Portuguesa. É composto de diversos esquemas que compreendem desde a periodização das correntes literárias e dos períodos políticos a elas relacionados, até as características das “magnas” épocas da literatura e, ainda, dos seus aspectos psicológicos, sobretudo aqueles inerentes à corrente literária portuguesa.

Interessa-nos, em especial, as temáticas tratadas em três textos específicos que compõem o estudo. Este, dividido e subdividido, como dissemos anteriormente, em esquemas bastante minuciosos, conduz-nos à observação da abordagem do critério de nacionalidade, à periodização e, finalmente, às noções estéticas e metafísicas.

No primeiro texto, Fernando Pessoa começa afirmando que uma corrente literária deve, de alguma forma, representar uma época quanto ao seu aspecto social, assim como o país no qual surge. Uma nação – no que tange à sua vitalidade – não deve ser medida ou considerada por sua potência militar ou por sua capacidade econômica, mas por sua

“exuberância de alma” (PESSOA, s/d, p. 362), isto é, não por aquilo que cria em termos restritamente científicos, mas por sua capacidade em gerar novas ideias.

Em relação aos períodos literários, o escritor dedica-se ao estudo de Inglaterra e França, e faz três divisões distintas. Relativamente ao primeiro país, considera o período isabetano como o primeiro, o qual tem início por volta do ano de 1580 e seu término culminando coincidentemente com o fim da República. O neoclássico corresponde ao segundo período, que estende-se por quase todo o século XVIII e tem seu declínio até 1780. O terceiro – o moderno – corre desde então até a atualidade. Dentre esses períodos, o primeiro é tido por maior, pois nele aparecem nomes como Spenser, Shakespeare e Milton, superiores a outros surgidos nos dois períodos seguintes.

Os períodos políticos que se seguem a essas épocas literárias também são pontuados. O isabetano foi coincidente com a realização da República, cujo nome representativo é Cromwell. É um momento marcado pela criação, em que a Inglaterra dá ao mundo uma grande contribuição civilizacional, através do modelo de governo popular. O período neoclássico, portanto, o segundo, vem desde a queda da República até a revolução, que fora, de fato, mera substituição dinástica (1688). É caracterizado pela infertilidade, já que nele a Inglaterra nada criou, dando apenas continuidade ao modelo governamental instituído no primeiro período. No terceiro e último período, observa-se novamente a esterilidade inglesa, uma vez que nada produz em termos civilizacionais.

Voltando a atenção à França, o estudioso prossegue as divisões dos períodos. O primeiro deles, que acompanha o *ancien régime*, culmina no reinado de Luís XIV e finaliza no século XVIII. O segundo – o romântico – começa subsequentemente com a queda do *ancien régime*, quando o republicanismo “se vai realizando nas almas” (PESSOA, s/d, p. 364) entre os anos de 1840 e 1870. O terceiro período, em que se observa a lenta consolidação da república, vem a ser aquele em que se dá o realismo, o simbolismo e os anti-romantismos.

Os correspondentes períodos políticos das três épocas literárias de França, assinalados por Fernando Pessoa, são, para o primeiro, aquele em que o país nada criou para a civilização. O segundo, que vai ao encontro do período romântico, é mais intenso, quando França cria à civilização a ideia de democracia republicana. No terceiro período, que vai de 1870 em diante, não há o fator criativo, já que o país não apenas deixa de criar para a civilização, como esta noção de civilização passa a ser desvalorizada na Europa.

O desmembrar dos períodos literários (e seus correspondentes períodos políticos) remete a uma analogia no que diz respeito à valor civilizacional e vitalidade nacional: a do

primeiro período inglês com o segundo período francês, e o primeiro e terceiro períodos francês com o segundo e terceiro inglês.

Passando à análise das características interiores das correntes literárias citadas, observa-se que, o segundo período inglês e o terceiro francês são aqueles em que não há criação, nos quais são recorrentes a desnacionalização literária. Já no terceiro período inglês e no primeiro francês – em que de igual modo nada se cria – visualiza-se um equilíbrio entre o que Pessoa chama de espírito nacional e influência estrangeira e, no primeiro período inglês e o segundo francês - os criadores – salienta-se “o *espírito nacional* patente e dominando, absorvendo e absolutamente eliminando qualquer influência estrangeira...” (PESSOA, s/d. p. 365).

O panorama detalhado do escritor português revela que os períodos criadores de Inglaterra e França dizem respeito àqueles em que se observam critérios de nacionalização. Ao fazer essa análise, Pessoa volta-se à Nova Poesia Portuguesa, sinalizando três fatores pontuais: é ela absolutamente nacional; possui individualidades de indiscutível valor e, quanto ao período do movimento poético, apresenta coincidente analogia com o período de pobreza social e mesquinhez política. Os argumentos descritos colocam, pois, a Nova Poesia Portuguesa em situação análoga aos grandes períodos literários inglês e francês.

É ainda no primeiro texto que, em tom profético, Fernando Pessoa indica o surgimento (que deve ocorrer no período literário português em questão) do grande poeta, aquele que se sobreporia à figura de Camões, sendo, portanto, o Supra-Camões.

No segundo texto, seguindo o estudo por esquemas, o escritor realiza novas subdivisões do período concernente à “suprema corrente literária”. O primeiro subperíodo – o precursor – dá-se em fins do período literário antecedente; o segundo subperíodo é aquele que constitui a corrente propriamente dita e, o terceiro, configura aquele em que a alma do período se dissolve. O verdadeiro período, segundo Pessoa, subdivide-se em três estádios. O primeiro refere-se ao aparecimento do tom, ou seja, o espírito da época. Em Inglaterra, este vai de Wyatt e Surrey até *Spenser*. No segundo estádio, em que o espírito da época revela-se de forma intensa, é quando surgem os grandes poetas. Em França, com Lamartine, Hugo e Musset; em Inglaterra, com Shakespeare. Por fim, o terceiro estádio é aquele em que o espírito da época, por já ter sido largamente refletido, mostra-se mais rígido e cansado. Pode-se citar aí os nomes de Milton (Inglaterra) e Leconte de Lisle (França).

Ao abordar a periodização dos estádios das correntes, Pessoa busca estabelecer uma correspondência com a corrente literária portuguesa. Quanto a ela, salienta-se o seu tom distintivo (primeiro estádio), o qual inicia com o *Só* de Antônio Nobre e ainda com *Os*

Simples de Guerra Junqueiro. Começa, coincidentemente, com o início da última década do século XIX e tem como precursor Antero de Quental. Esse primeiro estágio da corrente literária portuguesa vai até as obras *Oração à Luz*, de Junqueiro, e a *Vida Etérea*, de Teixeira de Pascoais, momento em que surge o segundo estágio. Nele se vê de fato a própria corrente, em que é amplificado o modo de exprimir, alargando-se “até aos confins da consciência e da intuição” (PESSOA, s/d, p. 371). No segundo estágio está, por conseguinte, Antônio Correia de Oliveira em sua nova fase, e outros poetas que já escrevem dentro do novo estilo.

Também no que diz respeito aos períodos, Fernando Pessoa assevera que, ainda em relação a Inglaterra e França, o período social que precede as grandes épocas da literatura são, no primeiro país, o pré-Tudor e, no segundo, o fim do reino de Luiz XV e a duração total do reinado de Luiz XVI. Em Portugal, a corrente literária a que o escritor se refere sucede ao movimento pré-revolucionário do período constitucional, coincidindo com o movimento de 31 de Janeiro¹ na última década do século XIX.

O período começa em Inglaterra e França, respectivamente, no reinado de Henrique VIII, terminando com a revolução (e substituição da dinastia em 1688), e no período social que prolonga-se desde a chamada grande revolução até o ano de 1870. São, portanto, períodos de distinta agitação revolucionária.

Dando prosseguimento à abordagem teórica, o autor passa a discutir, ainda no segundo texto, as características especiais apresentadas pelas correntes literárias, sejam elas nacionais ou estrangeiras. Segundo ele, são três os aspectos de cunho exclusivamente literário: a novidade (ou originalidade), a elevação (o tom literário geral) e a grandeza (o fato de conter grandes figuras individuais). Esses são elementos considerados indispensáveis para a caracterização do período literário.

A Nova Poesia Portuguesa, em sequência do que prediz os três aspectos mencionados, possui originalidade, o que pode ser evidenciado, conforme salienta Pessoa, em *Os Simples*, *A Pátria*, *Oração à Luz* e *Vida Etérea*. É igualmente elevada, elemento observável em poemas de Teixeira de Pascoais e Jaime Cortesão, especialmente pelo tom poético em suas obras. Quanto ao último aspecto – a grandeza – também a Nova Poesia Portuguesa dispõe de personalidades que podem ser postas em analogia às daquelas de Inglaterra e França, uma vez que surge como precursor do movimento da atual corrente literária portuguesa Antero de Quental, que de acordo com o escritor, “nada tem a temer de Rousseau-poeta, ou de Chaucer”(PESSOA, s/d, p. 375).

¹ Em 31 de janeiro de 1891 houve o primeiro movimento revolucionário que almejava a implantação da República em Portugal. Foi um movimento estimulado principalmente em decorrência do episódio do *Ultimatum* inglês.

São três, da mesma forma, as características das magnas épocas literárias, tendo em vista sobretudo a alma do povo que a produz. É em especial nesse momento do estudo que Fernando Pessoa vai assegurar a “procedência” dos elementos que constituem o espírito da nova poesia em Portugal.

Em tais épocas da literatura, de acordo com o texto teórico de Pessoa, as três características observadas são a não-popularidade; a nacionalidade, pois as grandes épocas literárias são totalmente nacionais e não-populares, e a antitradicionalidade, uma vez que a “...plena nacionalidade das correntes máximas importa em quebra com o espírito dessas anteriores correntes, envolve, pois, *antitradicionalidade*” (PESSOA, s/d, p. 376). Nesses pontos também há analogia ao movimento português, já que, ainda segundo Pessoa, é a Nova Poesia Portuguesa antitradicional (seus poetas não recorrem à tradição), nem tampouco buscam na literatura estrangeira os elementos formativos (sendo, portanto, original). Essa poesia, para Pessoa, “reproduz a alma da raça...”, interpretando “...a alma nacional *diretamente, nuamente e elevadamente*” (PESSOA, s/d, p. 377).

O autor em seu texto, apesar de mostrar-se consciente das prováveis discordâncias de seu pensamento, já que considera possível haver “ quem não sinta a elevação e a originalidade” (PESSOA, s/d, p. 374) da nova poesia portuguesa, revela-se confiante em relação ao seu caráter original e antitradicional, e afirma que essas características “são flagrantes, flagrantíssimas” (PESSOA, s/d, p. 376) do movimento. Para ele, o fato de os poetas adquirirem uma postura de afastamento da tradição literária de seu país, de criarem um movimento na literatura além da compreensão popular geral e de apresentarem um distanciamento do tom poético das correntes literárias estrangeiras, são indicativos da antitradicionalidade e da não-popularidade do período português. Por outro lado, é sabido que, contrapondo-se às afirmativas de Pessoa, há críticas, desenvolvidas por autores como Eça de Queirós, que dão conta da dependência literária e intelectual de Portugal com relação à França, colocando em dúvida, portanto, essa absoluta originalidade portuguesa: “Há longos anos que eu lancei esta fórmula: - Portugal é um país traduzido do francês em vernáculo” (QUEIRÓS, s/d, p. 387). Em tom irônico, o escritor critica o “contágio” de Portugal por tudo o que é francês e, apesar de admitir ser ele mesmo influenciado por França, exclui Antero de Quental desse processo, como se lê:

Não quero escrever uma página de memórias. Apenas mostrar, tipicamente, como eu, e toda a minha geração (exceptuando espíritos superiores, como Antero de Quental ou Oliveira Martins), nos tínhamos tornado fatalmente franceses no meio de uma sociedade que se afrancesava. (QUEIRÓS, s/d, p. 398).

No terceiro texto há uma incidência sobre questões de caráter estético e metafísico. Para o autor do estudo, as correntes literárias, sejam elas quais forem, devem ser consideradas sobre três aspectos: psicológico, literário e sociológico, sendo que todos eles interligam-se. Nos textos anteriores, como vimos, esgotam-se as analogias sociológicas entre os períodos literários máximos (e os períodos políticos) com a atual corrente portuguesa. Nesse terceiro momento, aborda-se o aspecto psicológico inerente a qualquer corrente literária e que envolve a observação de três unidades de atitude.

A primeira delas refere-se à metafísica, que é “o conceito do universo e das coisas que subjaz as manifestações [...] da corrente” (PESSOA, s/d, p. 380); o segundo – a estética – diz respeito ao modo de ser literário, ou ainda, à alma literária e, o terceiro – a sociologia – amplia a inclusão das aspirações das correntes e os estudos já extraliterários.

Ao referir-se particularmente à Nova Poesia Portuguesa, Pessoa afirma que sua estética é composta de três elementos: o vago (a expressão de seu verso e a sua ideação é de caráter vago, o que não quer dizer confuso, sendo ainda sutil e complexo); a sutileza (traduz uma sensação simples por uma expressão que a faz ser mais detalhada e vivida) e a complexidade, que consiste numa intelectualização de uma emoção ou uma emocionalização de uma ideia. Seria ainda o “registro” da impressão de uma sensação simples por uma expressão que a venha complicar.

A Nova Poesia Portuguesa é uma poesia de alma, pois de acordo com o autor, ao contrário do que ocorreu com o Simbolismo, que era exclusivamente e incompletamente subjetivo, é esta completamente subjetiva.

Há dois pólos possíveis de se visualizar na corrente literária em questão: a subjetividade e a objetividade, o que, aliás, denota um ponto de equilíbrio. Embora seja uma poesia de interior, preocupa-se com a Natureza (o exterior), sendo, portanto, objetiva. Quanto a objetividade, observam-se três características específicas. A primeira delas é a nitidez, a qual revela-se na forma ideativa do epigrama, “chamando assim, convenientemente, à frase sintática, vincante, concisa” (PESSOA, s/d, p. 384). O segundo aspecto é o que o escritor denomina de plasticidade, que vem a dar a impressão nítida e exata do exterior enquanto exterior; e o terceiro é a imaginação, no sentido de se pensar e sentir por imagens. Sendo a atual poesia de Portugal uma poesia puramente metafísica, pois nela há, concomitantemente, uma “*espiritualização da Natureza ... e a materialização do Espírito*” (PESSOA, s/d, p. 386), é esta religiosa, posto que, por ser metafísica, implica justamente em emoção metafísica, cujo sinônimo é a religiosidade. Logo, a Nova Poesia Portuguesa é religiosa, mas de uma religiosidade nova. Isso porque, comparativamente ao simbolismo, que não possui uma religiosidade própria (já que a que possui é católica ou

quase católica), entre os poetas na nova corrente tal religiosidade é indefinida. A ideia que têm de Deus ou da Natureza não é, portanto, nítida. Em contrapartida, é, segundo o estudo, a Nova Poesia Portuguesa “panteísta [...], não-materialista [...], diversa de qualquer poesia propriamente espiritualista, mas contendo elementos característicos do espiritualismo” (PESSOA, s/d, p. 387).

Vemos que, na citação acima, Fernando Pessoa faz afirmações sobre o que é a atual poesia portuguesa. Posteriormente, o autor analisa o que vem a ser o panteísmo e, mais que isso, demarca claramente as diferenças entre este e o transcendentalismo.

O panteísmo, que aceita matéria e espírito, sendo estas manifestações reais de Deus, pode ser “dividido” em panteísmo materialista, em que tudo é Deus, e panteísmo espiritualista, no qual Deus é tudo. Já em relação ao transcendentalismo, a matéria e o espírito são manifestações irrealis de Deus, uma vez que um transcendentalista considera que tudo é ilusão (matéria e espírito não existem).

É nesse ponto sobretudo que Pessoa vai chamar a atenção para aquele que vem a ser o sistema do pensamento da Nova Poesia Portuguesa – o transcendentalismo panteísta – que engloba e transcende todos os sistemas, já que, para ele, “...matéria e espírito são [...] reais e irrealis ao mesmo tempo, Deus e não-Deus essencialmente” (PESSOA, s/d, p. 393). Tal quer dizer que, no transcendentalismo panteísta, haverá constante contradição, posto que matéria e espírito existem (e não existem) concomitantemente. Há, portanto, a “*Materialização do espírito, e a espiritualização da matéria*” (PESSOA, s/d, p. 396).

Fernando Pessoa, concluindo o meticoloso estudo que desenvolve sobre a atual poesia em Portugal, assevera, em tom profético, que a grande Raça Portuguesa

partirá em busca de uma Índia nova, que não existe no espaço, em naus que são construídas ‘daquilo de que os sonhos são feitos’. E o seu verdadeiro e supremo destino, de que a obra dos navegadores foi o obscuro e carnal ante-arremedo, realizar-se-á divinamente” (PESSOA s/d, p. 397).

2 ANÁLISE DAS ODES MODERNAS

Interessa a essa investigação pontuar não apenas a periodização literária criada por Fernando Pessoa nem tão-somente indicar o lugar e o papel de Antero de Quental na Nova Poesia Portuguesa, mas em especial quer perceber em sua obra *Odes Modernas* quais os elementos que podem ser discutidos de forma a filiá-la ao movimento literário português.

Antero de Quental é, em *A Nova Poesia Portuguesa*, apontado como o precursor do movimento, o qual, sendo análogo aos precursores das grandes correntes inglesa e

francesa (Chaucer e Rousseau-poeta), já possui originalidade, pois não busca nas correntes estrangeiras quaisquer elementos de inspiração estritamente poética. É importante perceber que a atual corrente literária portuguesa sucede ao momento pré-revolucionário do período constitucionalista – período, portanto, de agitações – quando então surge o precursor: Antero de Quental.

Fernando Pessoa, ao definir as características especiais das correntes literárias, estrangeiras ou nacionais, afirma categoricamente que, quanto ao aspecto exclusivamente literário dessas correntes, que diz respeito à grandeza, ou seja, o conter grandes personalidades individuais, Antero de Quental pode indubitavelmente ser considerado por sua relevância e valor. Mas no que tange particularmente à sua obra *Odes Modernas*, o que nelas é possível verificar, tendo em vista o estudo da nova corrente literária portuguesa?

Seguindo as indicações de Pessoa, o primeiro ponto a ser observado na poesia de Quental refere-se ao fato de ser ela subjetiva, completamente metafísica e não-científica. Uma análise pontual do poema *Pantheísmo* possibilita a observação dessas características, pois nele é patente uma interpretação do universo sob a ótica metafísica. Aliás, ao se debruçar sobre o mundo poético de Quental, o professor Joaquim de Carvalho salienta que este é, por excelência, entre outros fatores, um mundo das “... dúvidas metafísicas” (in-*Epistolário Ibérico. Cartas de Pascais e Unamuno*; Prefácio, p. XVI, apud CARVALHO, s/d, p. 354). Em sua obra, a metafísica surge como manifestação tão real e palpável quanto a própria ciência o pode ser: “E, com pasmo, nas mãos vejo que tenho/Um espírito! O pó tornou-se ideia” (QUENTAL, 1983, p. 23). Aqui, conforme observação de Silva sobre o pensamento filosófico de Quental, aparece claramente sua consciência sobre o “valor fundamental da metafísica” (SILVA, 1959, p. 151), pois o espírito é de tal forma elevado a um *status* de existência real, de materialização, que se pode tê-lo nas mãos, tornando-se o que era simples pó em ideia.

O segundo ponto refere-se ao fato de ser panteísta a referida obra poética, o que se pode verificar no seguinte trecho: “ A própria fera, cujo incerto passo/ Lá vaga nos algares da deveza,/ Por certo entrevê Deus – seu olho baço” (QUENTAL, 1983, p. 7). Percebe-se a ideia do panteísmo, isto é, a aceitação da matéria e espírito (*Deus*, espírito e, *fera*, matéria).

O poema sugere-nos, relativamente à sua estética e ainda tomando por base o estudo de Fernando Pessoa, o *vago* e a *ideação complexa* como componentes estéticos. Quanto à sua complexidade, os versos “ O pó cresce ante mim... engrossa... alteia...”/ “...o pó tornou-se ideia!” são significativos, pois neles verifica-se uma emoção de caráter físico que de repente se intelectualiza na ideia, o que remete à estética da Nova Poesia

Portuguesa. A complexidade que permeia a estética do movimento português pode ser observada ainda nos seguintes versos:

Sim, montes! Onde vamos? Onde vamos,
que a criação, em volta de nós pasmada,
Emudece de espanto, se passamos
Em novelos de pó sobre essa estrada?... (QUENTAL, 1983, p. 33)

Antero de Quental, quando expõe suas inquietações sobre o rumo do Homem em seu percurso histórico, coloca, com perplexidade, a sua constatação de que esse ser material é, em sua formação complexa, tanto homem material como espiritual (“novelo de pó”). Essa atribuição valorativa da metafísica parece tornar, nas *Odes*, “... indeclinável...” a questão do “... enlace da matéria e do espírito”(SILVA, 1959, p. 143).

O *vago*, por sua vez, pode ser lido nos versos seguintes, em que a sutil ideia parece ser “traduzida” não por uma confusão, mas por uma espécie de estranheza: “Ó profunda visão! Mysterio estranho!/ Ha quem habita alli, e mudo e quedo/ Invisível está...sendo tamanho!” (QUENTAL, 1983, p. 13). Em *Pantheísmo*, nos versos “Surgir! Ser astro e flor! Onda e granito!/Luz e sombra! Atracção e pensamento” (QUENTAL, 1983, p. 24), vê-se, como reiteração, a co-existência do que é objetivo e subjetivo. Há, na construção antitética, a intenção de unir o material e o espiritual, sintetizando esses dois pólos numa existência una e completa: “Um mesmo nome em tudo está escrito - (QUENTAL, 1983, p. 24).

Um outro aspecto inerente à obra anterior diz respeito ao seu caráter universalista. Este, por sinal, pode ser entendido dentro daquilo que Pessoa denominou de tom poético elevado. Nas *Odes Modernas* não estão em jogo questões particulares de um “determinado homem” ou ainda de uma específica problematização, como por exemplo, amorosa. A obra que, quando do seu surgimento, causou abalos no cenário estável e bem confortável da poesia então produzida, é embebida por “uma ideia de reconstrução do mundo humano sobre as bases eternas da Justiça, da Razão e da Verdade...” (JÚDICE, 1983, p. 5). Conforme analisa Nuno Júdice, a nova epopeia de Antero – que é de caráter filosófico – é composta não de “heróis” de carne e osso, mas são eles o Homem, a Igreja, a História e a Ideia, quer dizer, entidades abstratas. Em construções alegóricas, o poeta vai tecendo uma revisão da gênese da Humanidade e pontuando os obstáculos que surgem em seu caminho: a História e o Destino. Mesmo aqui tem-se a valorização metafísica, pois, segundo Quental, “sem direção metafísica não poderá nunca haver verdadeira e superior compreensão da história (QUENTAL, 1991, p. 73). Essa visão filosófica sobre a História pode ser percebida nos versos de sua obra poética:

Oh! a História! A Penélope sombria
Que leva as noites desmanchando a teia
Que suas mãos urdiram todo o dia!
O alquimista fatal, que toma o dia!
E, nas combinações da atroz magia,
Só extrai Pó! A fúnebre Medeia
Que das flores de luz do coração
Compõe seu negro filtro – a confusão! (QUENTAL, 1983, p. 29)

Para o autor, a História, em si, não é metafísica, pois não é feita por ideias metafísicas. Estas, por sua vez, tão-somente “dominam e penetram a história” (QUENTAL, 1991, p. 73).

Se por um lado no Livro Segundo há a presença de uma série de conflitos em relação ao mundo exterior e o psicológico, em que é constante o emprego de antíteses, é no Livro Primeiro do texto poético que se dá esse “rever” da Humanidade, mas não só: também é nesse momento que é tomada a ideia, “contra a qual lutam os padres, [...]” e “... os tiranos, [...]”, pois é ela “a luz que esconjura a treva e a morte” (JÚDICE, 1983, p. 8). Na parte III de *A Ideia*, o poeta, em tom esperançoso, afirma: “ Se nos negam aqui o pão e o vinho,/ Avante! é largo o mundo! E além, defronte,/ E em toda a parte, há luz, vida e carinho!” (QUENTAL, 1983, p. 48).

Também verifica-se que, na publicação de 1983 das *Odes*, nas páginas 50 e 51, há uma indagação (e a conseqüente resposta) sobre quem é a Ideia, como se lê:

Mas a Ideia quem é? Quem foi que a viu
[...]

Outra amante não há! Não há na vida
Sombra a cobrir melhor nossa cabeça...
Nem bálsamo mais doce que adormeça
Em nós a antiga, a secular ferida! (QUENTAL).

Antero, como deixa evidente em *Tendências gerais da filosofia na segunda metade do século XIX*, mostra-se atento às grandes questões humanas e, dentre elas, a Liberdade, cuja dimensão extrapola as esferas de uma realidade meramente física. Sua obtenção está além do mundo material, pois “o universo aspira com efeito à liberdade, mas só no espírito humano a realiza” (QUENTAL, 1991, p. 104). Seu pensamento filosófico confirma-se nos seguintes versos das *Odes Modernas*, em que o Homem, “turbilhão de desejos insofridos” (QUENTAL, 1983, p. 34), é estimulado, nesta poesia, a ir em busca e a jogar-se nos braços da Liberdade:

“Deitai-vos a nadar, homens! e vede
Que a onda é que se chama liberdade! O Dogma é a areia, apenas – a
verdade!
É esse o Mar – que o Mar nos mate a sede!” (QUENTAL, 1983, p. 69).

Ansiando o fim do tormento da humanidade e empregando ao poema seu tom profético, o poeta demonstra crer no destino dos povos e na instituição, entre as nações, da Verdade, como se lê no trecho seguinte:

Eu creio no destino das nações
Não se fez para dor, para desterros.
Esta ânsia que nos ergue os corações!
Hão-de ter fim um dia tantos erros!
E dos ninhos das velhas ilusões
Ver-se-á, com pasmo, erguer-se à imensidade
A águia esplêndida e augusta da Verdade! (QUENTAL, 1983, p. 41).

Quental – poeta e filósofo que exaustivamente expôs suas dúvidas e inquietações sobre os rumos da humanidade – deixa transparente, como assevera Silva, ser ele “desejoso de conhecer e abraçar o verdadeiro Amor e a verdadeira Vida” (SILVA, 1959, p. 153), à qual perpassa, obrigatoriamente, a liberdade, não aquela cabível a certos “impérios” e “religiões”, mas a que provém do Espírito. O desejo de que o “céu da Liberdade!” (QUENTAL, 1983, p. 197) seja o que venha a cobrir a Humanidade, finalmente, é que move o Homem em direção a um novo porvir:

Depois, avante! Os astros não se extinguem!
Há céus e espaços novos!
Enterre-se o Passado com piedade...
Mas o olhar... no Futuro! (QUENTAL, 1983, p. 196)

Conforme as palavras de Ruy Galvão de Carvalho em *Meditação sobre a vida de Antero de Quental*, ao salientar o estudo do lusófilo professor britânico Terence P. Waldron, a poesia anteriana “tem um profundo significado para todos os homens, em todos os tempos [...]”, e isso se dá ao fato, de o poeta “...ter passado a vida a tentar resolver um dos problemas mais universais – o do próprio homem em busca da verdade” (CARVALHO, s.d, p. 354).

Essa afirmativa, que dá evidência à universalidade de sua obra, parece ir ao encontro da filosofia de Quental, na qual é recorrente o questionamento sobre o que se tem por absoluto e real: “Qual é, por conseguinte, a essência mesma do Universo? Qual é, dado o conhecimento dessa essência, o que devemos pensar da natureza e do ser em curso, do espírito e de suas tendências, da humanidade e de sua História?” (QUENTAL, 1991, p. 38). A universalidade de Quental, como se vê, está também em seu próprio pensamento filosófico que, não limitado às questões restritas de um determinado povo ou nação, alarga-se sobre o universo e sobre o Homem em seu trajeto pela história.

Para Fernando Pessoa, Antero de Quental pode ser considerado o precursor do movimento chamado de A Nova Poesia Portuguesa por apresentar “plena originalidade” (PESSOA, s/d, p.370) e por ter como constituintes poéticos a metafísica e a estética condizentes ao movimento português. Para ele, a poesia de Quental é original, pois diferentemente do Simbolismo francês, que era exclusivamente subjetivo, é ela uma poesia de alma, porém sem deixar de ser objetiva, uma vez que não se aliena no subjetivo, indo ocupar-se, concomitantemente, do material e do espiritual.

A observação de Fernando Pessoa quanto à nova poesia portuguesa revela laços com a filosofia anterior – norte de sua obra poética - em que a problemática da matéria e do espírito e do Homem composto por tal complexidade, são constantes. Citando suas palavras,

a metafísica, na sua absorvente dialética, é atreita a esquecer que os indivíduos não são abstrações, simples determinações lógicas de uma ideia, mas seres reais, autônomos, cujo princípio de ação reside nas profundezas de sua própria natureza, constituindo um verdadeiro ser em si... (QUENTAL, 1991, p. 78).

CONCLUSÃO

Este trabalho objetivou abordar a obra de Fernando Pessoa, *A Nova Poesia Portuguesa*, a fim de, por meio de uma retomada de seu estudo sobre os períodos magnos da literatura europeia, visualizar o lugar do Novo Movimento Literário Português dentro desse contexto histórico. Para além disso, procurou-se identificar nas *Odes Modernas* elementos que colocam Antero de Quental e sua obra como precursores da Nova Poesia Portuguesa.

Num primeiro momento dedicamo-nos ao aprofundamento das análises do texto de Pessoa, já que este constitui tanto um importante documento sobre os grandes períodos literários e políticos das máximas correntes da literatura europeia, como também configura um estudo fundamental da chamada Nova Poesia Portuguesa.

Por meio de seu texto teórico, Fernando Pessoa aponta como precursor do movimento poético português Antero de Quental que, assim como os precursores dos movimentos inglês e francês, deve ser considerado por seu inegável valor e grandeza. É sobretudo por meio das investigações realizadas no referido texto que passamos ao estudo das *Odes Modernas*. Como vimos, a obra de Antero, seguindo os critérios desenvolvidos por Pessoa, filia-se à Nova Poesia Portuguesa, tendo em vista as características a ela concernentes.

Seu caráter subjetivo e metafísico, a presença dos elementos panteístas em alguns de seus versos e a sua composição estética, da qual fazem parte aquilo que Pessoa denominou de *ideação complexa do verso* e ainda *o vago*, podem ser observados como aspectos que a vinculam às teorias da Nova Poesia Portuguesa. Também a universalidade da poesia anterior, por seu tom e pela temática abordada, funcionam como um conjunto de fatores, neste estudo investigados, que tornam possível pensarmos e discutirmos as *Odes* sob à luz das teorias relativas à referida corrente literária.

Em conclusão, verifica-se que as *Odes Modernas* dispõem de elementos específicos que as situam na perspectiva da teorização de Fernando Pessoa quanto à nova corrente literária em Portugal. Além dessas constatações, salienta-se o seu valor enquanto obra poética de cunho universal, posto que nela está refletido o Homem, com os seus conflitos e sua trajetória através da História, e ainda a sua eterna busca pela Justiça, Igualdade e Verdade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARVALHO, Ruy Galvão de. *Meditação sobre a vida de Antero de Quental*. Separata de *Biblos*. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Coimbra: s/d.
- CATROGA, Fernando. *A ideia de evolução em Antero de Quental*. Separata de *Biblos*. Faculdade de Letras de Coimbra. Coimbra: s/d.
- CIDADE, Hernâni. *Antero de Quental: a obra e o homem*. 2. ed. Lisboa: Arcádia, 1980.
- FRANCO, António Cândido. *Revista A Ideia*. Edição 58, 2003.
- PESSOA, Fernando. *A Nova Poesia Portuguesa*. S/d. S.L.
- QUEIROZ, Eça. *Últimas Páginas. – O Francesismo*. Porto: Lello & Irmão, s/d.
- QUENTAL, Antero. *Odes Modernas*. 2. ed. Prefácio de Nuno Júdice. Lisboa: Estúdio Gráfico Ulmeiro, 1983.
- _____, _____. *Tendências gerais da filosofia na segunda metade do século XIX*. Estudo de Joel Serrão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991.
- SILVA, Lúcio Craveiro da, S. J. *Antero de Quental: evolução de seu pensamento filosófico*. Braga: Livraria Cruz, 1959.

Recebido em 30 de agosto de 2010.

Aceito em 22 de outubro de 2010.